

VITIMIZAÇÃO POR BULLYING EM ESCOLARES BRASILEIROS: PESQUISA NACIONAL DE SAÚDE DO ESCOLAR (2009, 2012 e 2015)

JULIANA ROPKE DUARTE¹; TIAGO NEUENFELD MUNHOZ²

¹ Universidade Federal de Pelotas – julianardt@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – tiago.munhoz@ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

O bullying se caracteriza como uma forma de agressão física e/ou psicológica praticada com a finalidade de intimidar ou agredir a vítima. São atos intencionais e repetitivos que acontecem em uma relação desigual de poder entre a vítima e o agressor (NETO, 2005). A prática do bullying pode acontecer tanto de forma direta quanto indireta, podendo ocorrer na forma de agressão verbal, física, material, psicológica/moral, sexual ou virtual (SILVA, 2010). No entanto, estas formas de ocorrência do bullying não são independentes e, com frequência, a vítima de bullying sofre agressões de diferentes formas. Estudos em diferentes países indicaram altas prevalências de vitimização por bullying. Um estudo epidemiológico multicêntrico de base populacional identificou que a prevalência de bullying variou de 7,8% na Ásia a 60,9% na África (FLEMING, 2010). No Brasil, um estudo com escolares da 5ª a 8ª série observou que 16,9% haviam sofrido bullying (NETO, 20015).

Por tratar-se de um fenômeno complexo, compreender o perfil demográfico de sua ocorrência poderá auxiliar no planejamento de programas de prevenção e promoção de saúde mental de forma a minimizar a ocorrência de vitimização por bullying nas escolas brasileiras. Desta forma, o objetivo do presente estudo foi avaliar a prevalência de vitimização por bullying nos anos 2009, 2012 e 2015 e descrever sua ocorrência de acordo com o sexo e idade dos escolares utilizando os dados provenientes da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE).

2. METODOLOGIA

Trata-se de estudo transversal de base escolar com representatividade nacional. Desde 2009, é realizada a Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE), tendo ocorrido até agora 3 edições (2009, 2012, 2015), sua população alvo são os estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental e, desde 2015, os estudantes do 6º ano do Ensino Fundamental até o 3º ano do Ensino Médio (CAMPOS *et al.*, 2013).

Um dos fatores de risco e proteção avaliados pela PeNSE refere-se a vitimização por bullying. Nas três edições da PeNSE, o bullying foi avaliado utilizando-se a pergunta *“Nos últimos 30 dias, com que frequência algum dos seus colegas de sua escola te esculacharam, zoaram, mangaram, intimidaram ou caçoaram tanto que você ficou magoado / incomodado / aborrecido / ofendido / humilhado?”*. As opções de resposta foram *“nenhuma vez nos últimos trinta dias”, “raramente nos últimos trinta dias”, “às vezes nos últimos trinta dias”, “na maior parte das vezes nos últimos trinta dias” e “sempre nos últimos trinta dias”*. Para fins deste estudo, foi considerada a ocorrência de vitimização de bullying eventual aqueles que responderam *“raramente nos últimos trinta dias” ou “às vezes nos últimos trinta dias”* e classificados como bullying frequente aqueles que

responderam positivamente as opções "na maior parte das vezes nos últimos trinta dias" ou "sempre nos últimos trinta dias".

As co-variáveis investigadas neste estudo foram o sexo (masculino e feminino) e a idade (≤ 13 , 14, 15, 16 e ≥ 17). Para analisar os dados coletados, utilizou-se o software Stata, versão 13.1 (Stata Corp., College Station, United States). Análises bivariadas foram realizadas utilizando-se o teste qui-quadrado com o prefixo svy (que estima os pesos amostrais em amostragens complexas), com resultados expressos em prevalências.

A PeNSE foi aprovada pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) de acordo com o parecer nº 1.006.467/2015. Os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido nos *smartphones* utilizados (OLIVEIRA *et al.*, 2017).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram incluídos nas análises 61.032 escolares em 2009, 108.503 em 2012, 101.505 em 2015. Em relação a característica da amostra, destaca-se que 85,5% estavam matriculados em escolas pública e aproximadamente metade eram do sexo feminino (51,4%) e tinham idade igual a 14 anos (51,1%). Dois em cada cinco escolares autodeclararam sua cor da pele como parda (43,1%) e um em cada quatro escolares eram filhos de mães com escolaridade de doze anos ou mais (24,4%).

Retaram vitimização por bullying (na maior parte do tempo ou sempre) 5,4%, 7,2% e 7,4% em cada ano, respectivamente. Conforme Tabela 1, a prevalência de vitimização por bullying foi maior entre os meninos nos três anos da pesquisa e maior naqueles escolares mais jovens (≤ 13 anos) em 2012 e 2015.

Tabela 1 – Vitimização por bullying. PeNSE 2009, 2012 e 2015

Variáveis	2009		2012		2015	
	Bullying		Bullying		Bullying	
	Eventual N (%)	Frequente N (%)	Eventual N (%)	Frequente N (%)	Eventual N (%)	Frequente N (%)
Sexo	$p < 0,001$		$p < 0,001$		$p = 0,048$	
Masculino	7.406 (26,6)	1.722 (6,0)	15.571 (28,9)	3.955 (7,9)	18.535 (39,7)	3.500 (7,6)
Feminino	7.491 (24,4)	1.379 (4,8)	15.034 (27,5)	3.238 (6,5)	19.560 (38,7)	3.326 (7,2)
Idade	$p < 0,001$		$p < 0,001$		$p < 0,001$	
≤ 13	4.430 (29,3)	851 (5,4)	6.791 (31,7)	1.612 (7,9)	6.837 (40,8)	1.248 (8,8)
14	7.089 (26,2)	1.471 (5,6)	14.470 (29,4)	3.327 (7,1)	19.856 (41,1)	3.425 (7,0)
15	2.474 (21,4)	522 (4,8)	5.176 (25,1)	1.361 (6,7)	7.370 (36,1)	1.356 (7,5)
16	813 (19,7)	196 (5,1)	2.043 (22,0)	591 (6,6)	2.636 (34,3)	480 (6,3)
≥ 17	431 (18,9)	132 (7,3)	1.125 (21,9)	302 (6,4)	1.396 (31,2)	317 (7,6)

Eventual: Raramente ou às vezes

Frequente: na maior parte do tempo ou sempre

A prevalência de bullying deste estudo foi similar a aquelas reportadas em diferentes pesquisas, que identificaram a prevalência do fenômeno variando entre 16,9% e 50,0% (NETO, 2005; FLEMING, 2010). De acordo com Lisboa (2005), os meninos tendem a ser mais agressivos do que as meninas e expressam esta

agressividade, na maioria das vezes, por uso da força física enquanto as meninas utilizam formas indiretas de agressão. Além disto, segunda a autora, estas diferenças de manifestações das agressões podem estar relacionadas com a cultura de cada local que passa uma forte influência de expectativas de papéis conforme o gênero.

De acordo com Catini (2004), muitas vezes o bullying é considerado como algo comum, ou seja, que faz parte da fase do desenvolvimento em que os escolares se encontram. Entretanto, pesquisas indicam que o bullying é um problema importante, com consequências graves e que merece cada vez mais a atenção dos pesquisadores, dos pais e da escola. Segundo Silva (2010) a escola deveria em primeiro lugar reconhecer a existência do bullying e suas consequências. Após esta etapa, elas devem investir em uma capacitação para os professores e funcionários a fim de que estes consigam fazer a identificação, a intervenção e o encaminhamento adequado. De acordo com Neto (2005), a escola deve oferecer à vítima um ambiente de confiança e segurança. Os pais também podem e devem contribuir no combate ao bullying. Para isso é essencial que os pais estabeleçam uma boa relação com a escola e com os seus filhos, facilitando o diálogo sobre assuntos relacionados ao ambiente escolar, onde possam falar sobre suas vidas, de maneira franca e com respeito (SILVA, 2010).

4. CONCLUSÕES

Identificou-se que a prevalência de vitimização por bullying entre escolares brasileiros é alta, maior entre meninos e geralmente afetando aqueles escolares mais jovens. A compreensão de um perfil demográfico de ocorrência de bullying pode auxiliar na diminuição dessa prática e na construção de programas de promoção e prevenção a saúde mental para escolas brasileiras.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAMPOS, Helena Maria; SCHALL, Virgínia Torres; NOGUEIRA, Maria José. Saúde sexual e reprodutiva de adolescentes: interlocuções com a Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE). **Saúde em Debate**, v. 37, p. 336-346, 2013.

CATINI N. **Problematizando o bullying para a realidade brasileira** [tese]. Campinas: Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Centro de Ciências da Vida; 2004.

FLEMING LC, JACOBSEN KH. Bullying among middle-school students in low and middle income countries. **Health Promot Int.** 2010;25(1):73-84.

LISBOA C. Comportamento agressivo, relações de amizade e vitimização em crianças em idade escolar: fatores de risco e proteção [tese]. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul; 2005.

NETO AAL. Bullying: comportamento agressivo entre estudantes. **Jornal de Pediatria**. 2005;81(5):164-72.



OLIVEIRA, Max Moura de et al. Características da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar-PeNSE. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, v. 26, p. 605-616, 2017.

SILVA ABB. **Mentes perigosas nas escolas: bullying**. Rio de Janeiro: Objetiva; 2010.